

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

FILOSOFANDO COM ARTE

Elci Candido Ferreira Marcilio¹

Resumo

O binômio arte-comunicação é o objeto de estudo deste artigo, que destaca as contribuições de Domingues e de Santaella e visa contemplar a arte afinada com a filosofia. Tem como pano de fundo a apreciação de obras de arte para ilustrar como a humanidade é inserida nas artes e vice-versa, buscando relações dos *mundos* imaginário e real. Sob a metodologia bibliográfica a arte é colocada como um fenômeno de comunicação e de significação e dessa maneira pode ser examinada como uma linguagem, considerando a natureza dos participantes em jogo: o emissor e o receptor.

Palavras-chave: Arte, comunicação, humanidade, linguagem e tecnologia.

Introdução

A arte sempre representou o mundo que a rodeia e hoje nós estamos atravessando com ela um mar de transformações tecnológicas. Pela Cultura da Convergência, segundo Henry Jenkins (2009), não temos mais como viver desconectados dessa biosfera cibernética na qual estamos inseridos. Conforme Santaella (2007, p.7), as comunicações e as artes estão convergindo: tomando rumos que, não obstante, as diferenças dirigem-se para a ocupação de territórios comuns. De

¹ Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Mestrado em Comunicação. E-mail: elciferreira@uscs.edu.br

artesanato utilitário, a arte veio se modificar no Renascimento, “quando os artistas conseguiram levantar o *status* das artes ao colocar em destaque seu caráter intelectual e teórico”.

Este artigo pretende discutir, por meio de estudos sobre textos e obras dos expressivos autores, Diana Domingues e Lucia Santaella, abordando o diálogo entre a arte, o homem e a tecnologia e, como se dá esse processo em meio às transformações tecnológicas incessantes, visto que em toda sua história a arte se apresentou atenta em relação aos sentimentos humanos, fossem eles belos, feios, alegres ou tristes.

A tecnologia de hoje é um componente primordial tanto para a ciência, quanto para a arte, ou para a educação ou para o trabalho. A arte sempre esteve a serviço do homem, guardada a autonomia de seus significados próprios. Agora, mais do que nunca, atende a este homem, que se sente ameaçado pela perda da humanidade. Estaria o homem perdendo a sua sensibilidade em meio a tantos mecanismos tecnológicos e à sua vida solitária por trás de seu computador pessoal?

A ARTE A SERVIÇO DO HOMEM

A arte sempre esteve mais preparada do que a ciência, para captar o devir e a fluidez do mundo, pois o artista não quer manipular, mas sim *habitar* as coisas. Nessa relação o homem pode usufruir da beleza da vida em obras de arte, sem procurar por outra razão ou outra utilidade, enquanto que a arte contemporânea não precisa expor somente a beleza, mas pode lidar até mesmo com dimensões mais obscuras da existência, tal como a feiúra.



As Jovens, Goya



As velhas, Goya

A beleza é a qualidade do que é belo, que causa admiração. E o que seria o feio senão a ausência dessas características? Somente o homem, na medida em que é um ser que sente e que pensa simultaneamente, está apto a apreciar o belo, mesmo tratando-se de uma beleza que não seja harmônica, assim como podemos observar nas figuras 1 e 2, obras de Goya e nas figuras 3 e 4, de Velázquez e Bacon:

Figura 3



O Retrato do Papa Inocência X (1650)

Figura 4



Estudo do quadro ao lado, Bacon

Conforme disse o filósofo alemão Hegel em suas Lições sobre Estética (2002), o prazer que sentimos com o belo é como uma forma de satisfação do espírito humano consigo próprio, o prazer em ver a sua própria face refletida na obra de arte como na natureza. Nessa filosofia sistemática, as artes conquistam sua completa e definida expressão, elas passam a ser “meios que o Espírito, ainda tateantes, nessa etapa inicial do seu movimento progressivo, adota para vencer a matéria e garantir a plena realização de suas possibilidades.” (NUNES, 2008, p.105). Em contrapartida, Goya demonstra em suas obras, *As Jovens e As Velhas*, pelo contraste, entre o belo e o feio, que o feio é inerente ao ser humano, ou seja, na velhice a feiúra será a florada. Ao apreciarmos as obras de Velázquez e de Bacon, vemos que o belo e o feio são ultrapassados. Velázquez traz no estilo barroco toda a soberania e imponência de uma autoridade máxima de seu tempo. No estudo sobre o quadro de Velázquez feito pelo pintor moderno Francis Bacon (1909-1992), em 1950, o amarelo dá ao trono a aparência de uma cadeira elétrica, o papa grita e parece sentir dor. Do seu rosto emerge a feiúra, como um sinal de que o papa também é mortal. A obra de Francis Bacon não nega nem elogia a feiúra do homem e do mundo, mas deixa que ela se apresente.

Se, no passado, a feiúra foi sempre evitada na arte e na filosofia, como estará no panorama atual, no qual já se ressalta a dificuldade em diferenciar o belo do feio? Será que corremos o risco de ficarmos anestesiados em relação ao feio, por tantas menções aos horrores que assistimos nas mídias? Ou será mais terrível ficar indiferente ou insensível às percepções do belo e do feio a repulsar o feio?

Certamente, não devemos pregar a apologia ao feio, mas também não podemos deixar de nos esforçar para conviver com a desarmonia e com a desorganização provocada pelo mesmo; esta contradição pode ser ilustrada pelas imagens tradicionais de Eros, que vinham acompanhadas da roda da fortuna, que era um símbolo muito comum na Antiguidade e na Idade Média, usado para expressar as reviravoltas na sorte: ora estamos por cima, reinando, ora por baixo, exilados.

E o belo? O que há de mais belo? O amor?!

Quando a arte celebra o maior dos afetos, o amor - parte ou todo - em muitos dos signos da história da arte vem intensificar a polêmica do belo e do feio, da perfeição e da desorganização;

embora a excelência do amor advenha da sua força de instaurar unificação e harmonia entre os homens, permanecendo na zona limítrofe entre a sensibilidade e a racionalidade, entre o profano e o sagrado ou entre o real e o sonho.



Figura 5 A Roda da Fortuna, século XVI

A questão maior da filosofia é interrogar o sentido do real e é por isso que a arte e a filosofia caminham tão afinadas entre si: em busca da verdade do homem e do lugar onde ele vive. Uma verdade que não está necessariamente visível, mas que vai depender da percepção do contexto em que se insere o receptor, pois uma das virtudes da arte consiste em não respeitar a fronteira entre o sonho e o real.

A apreciação das imagens abaixo nos leva a uma melhor reflexão sobre o relativismo, a ambiguidade da imagem, o sonho e o real:



Figura 6

*Dependendo do que é selecionado como figura ou fundo,
surge uma face feminina ou um músico tocando saxofone.*



Figura 7 O Sono de Salvador Dalí

Apesar da arte continuar a serviço do homem, ela prossegue muito preocupada consigo mesma e vaidosa como é, trata de superar-se sempre, mesmo que isso lhe custe suprimir as coisas que ela represente. A obra de Magritte “*Isto não é um Cachimbo*” (Fig.8) apresenta o conceito dessa traição - pelas imagens do ponto de vista do realismo - que consiste em confundir a imagem

com a coisa; para o relativismo trata-se, ao contrário, de acreditar que as coisas possam existir independentemente das imagens e das palavras - a verdade se dá pela construção da arte, por sua pintura e não pelo objeto que se está representando: trata-se de uma pintura de um objeto conhecido como cachimbo, não é um cachimbo.



Figura 8 A Traição das Imagens – Isso não é um Cachimbo, 1929 de René Magritte

O ARTISTA ENTRE AS NOVAS LINGUAGENS DA ARTE

Na era da reprodutibilidade técnica, Benjamin (1986) acrescenta que a arte se torna mais democrática, mas altera sua autenticidade, perde a sua “aura” e, pode ou não, provocar o fim da experiência do belo tal como a conhecemos até então.

A arte pop foi a que melhor explorou as técnicas de duplicação e a reprodução de imagens, como podemos notar pela figura a seguir. Ela nos mostra uma crítica bem humorada do modelo de produção em série, que democratiza os bens e as informações, mas também os retrata apenas como itens de consumo.



Figura 9 Marilyn, 1962 de Andy Warhol

O processo democrático do acesso à arte também se exemplifica quando podemos ver a fachada de uma igreja barroca na tela de nosso computador, sem termos que nos deslocar à Minas Gerais. Por outro lado, assim como Benjamin (1986) outros estudiosos do assunto acreditam que as cópias tiram a autenticidade da obra de arte. Afinal, o que vemos em nossa tela é ainda uma arte?

Essa questão de democratização ou massificação da arte começou há mais de um século, com o advento da fotografia e do cinema, e desde então, com a capacidade humana do cérebro para produzir signos, vem sendo acelerada por meios mecânicos e tecnológicos.

Os artistas sempre foram desafiados a novas formas de linguagens. Cada período na história da arte ocidental foi marcado por sua própria mídia específica, por exemplo, a cerâmica e a escultura na Grécia Antiga, a pintura a óleo no Renascimento ou a fotografia nos tempos modernos. Considerando mídia como todo e qualquer meio de comunicação, lembramos então que os órgãos da fala humanos, são considerados as primeiras mídias da história. E hoje, o que vemos é a extensão das propriedades do cérebro numa interação coletiva, sem fronteiras no mundo pela arte das mídias: a tecnologia inclui a técnica, mas também avança além dela. Percebemos, então, uma sobreposição das artes com a ciência – resultado de um acelerado desenvolvimento tecnológico cultural, além de um reaproveitamento das linguagens já utilizadas pela arte.

Ars, artis, palavra latina da qual a nossa derivou corresponde ao grego *tékne*, que significa todo e qualquer meio apto à obtenção de determinado fim, e que é o que se contém na ideia genérica de *arte*. É arte no sentido lato: meio de fazer, de produzir; habilidade humana de por em prática uma ideia, pelo domínio da matéria.

A ciberarte é marcada pela interatividade e insere nas artes o uso de tecnologias resultantes da microinformática e da telemática, para criar *lugares* que trabalhem com o ciberespaço. “O devir do ciberespaço é também uma disputa de projetos e interesses em luta. Para alguns, seus inventores e primeiros promotores, a rede é um espaço livre de comunicação interativa e comunitário, um instrumento mundial de inteligência coletiva” LÉVY (2008). Essa evolução tecnológica interessa aos artistas na medida em que suas descobertas possam modificar o campo de percepção, dando às artes oportunidades nunca antes exploradas; pois essas tecnologias se constituem em complexos sistemas que auxiliam a exploração de uma arte comportamental com respostas em tempo real para quem realiza a experiência artística. “Toda arte interativa é regida por computadores que, na

qualidade de tecnologia numérica, abrem o acesso aos dados guardados nas memórias invisíveis de rede de silício” (DOMINGUES, 2002, p.60).

Machado (2009) argumenta quanto às possibilidades culturais abertas pelas novas tecnologias considerando que, as máquinas correm, em pouco tempo, até mesmo antes das possibilidades “regulares” serem totalmente exploradas, o risco de cair rapidamente no vazio: “Que destino podem esperar essas máquinas que não seja seu rápido sucateamento?” (MACHADO, 2009, p.186). Lucia Santaella acrescenta que não é simples definir o que são máquinas. “[...] aplicando-se a qualquer construção ou organização cujas partes estão de tal modo conectadas e interrelacionadas que, ao serem colocadas em movimento, o trabalho é realizado como uma unidade. É sentido que se pode comparar o corpo ou o cérebro humanos a máquinas” (SANTAELLA, 1997, p.33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém ressaltar a importância que cabe ao artista no atual cenário em que vive a arte: Observando determinados instrumentos ou suportes possibilitados pelas novas tecnologias, vimos que há uma alteração nos sistemas de vida do homem, na sua capacidade de pensar e de perceber o mundo, daí a relevância ao artista, que poderá desencadear todas essas consequências, nas suas características maiores ou menores, positivas ou negativas, tornando mais claro, a quem possa interessar, aquilo que em outras mãos poderia apenas passar despercebido.

Refletindo sobre os conceitos expostos nesse artigo e segundo Barros e Santaella (2002), reiteramos com estes que devemos firmar nossa atenção aos artistas, pois eles estão sempre cientes das mutações científicas, tecnológicas e culturais. Ainda, Barros (2002) complementa esta afirmação com uma citação de Giedion²:

A arte é uma experiência fundamental. Brota da paixão inata do homem de construir um meio de expressão de sua vida interior. Estas são palavras do historiador suíço, Sigfried Giedion, em suas indagações sobre o início do impulso artístico no ser humano (portanto as duas asserções sobre a arte asseguram sua fundamentalidade para o homem). Para ele, o meio de abolir o abismo entre a realidade interior e a exterior estaria em encontrar o equilíbrio dinâmico que governa essa relação, sendo a função dos artistas buscar esse equilíbrio, sempre

² 1981apud BARROS, 2002, p.34

com novas soluções. Giedion ressalta ainda que no ser humano existe uma necessidade de continuidade e de mudança. Ao mesmo tempo que o “presente, o passado e o futuro não estão separados um do outro; eles se fundem numa única trama ininterrupta. (GIEDION, 1981, p.23).

Todas as diferentes “matizes”, que nos permite uma obra de arte, irão brotar da profunda paixão do artista, este que está para a arte, assim como ela está para ele: ambos numa vitalidade crítico-criativa dos produtos do mundo, hoje mais apropriadamente dos produtos tecno-artísticos, pois assim o “artista-arte” caminha de maneira significativa na sociedade da Cultura da convergência de Jenkins.

Nesse enredo, de presente, passado e futuro e no meio de produção desse homem hábil em colocar uma ideia em prática é que se encontram as artes. Ávidas por novidades e com estas, continuar a desvendar mistérios da natureza dos homens e do espaço em que eles vivem, além de expor suas emoções e sentimentos, desmedidamente, a arte, tal como é, se apresenta viva, aberta, senão conectada a todos os comandos dos homens. Ela continuará a nos trazer questões e respostas, ora do bem, ora do mal, ora do feio, ora do belo, pois assim vive o homem; pois assim vive a arte. A reprodutibilidade mudou o seu conceito, mas na sua essência, a arte continua a mesma, conflitante e atuante, sem fronteiras de tempo e espaço, visível ou invisível, ideal ou real, sonho ou realidade, repleta de linguagens e predicados, mas em qualquer um deles, o amor a si mesma está em primeiro lugar. Dessa maneira, como a arte é o que é, vive em constante colóquio com o homem e, este a usa de diversas linguagens para continuar se expondo em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

BARROS, Anna. “Arte: um tecido de luz”. In: BARROS, Anna e SANTAELLA, Lucia (orgs.). Mídias e artes: os desafios da arte no início do século XXI. São Paulo: Unimarco Editora, 2002.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1986 [1936].

MACHADO, Arlindo. “Máquina e Imaginário”. In: DOMINGUES, Diana (org.). Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios. São Paulo: UNESP, 2009.

DOMINGUES, Diana. “Desafios da ciberarte: corpo acoplado e sentir ampliado”. In: BARROS, Anna e SANTAELLA, Lucia. Mídias e artes: os desafios da arte no início do século XXI. São Paulo: UNIMARCO, 2002.

HEGEL, Georg W.F. Fenomenologia do espírito. Petrópolis: Vozes, 2002 [1807].

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

NUNES, Benedito. Introdução à filosofia da arte. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

SANTAELLA, Lucia. Por que as comunicações e as artes estão convergindo? 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. “O homem e as máquinas”. In: DOMINGUES, Diana. A arte no Século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 1997.